

# O sentido de técnica em psicanálise

Patrícia Netto A. Coelho<sup>1</sup>

O sentido geral desse termo coincide com o sentido geral de *arte*: compreende qualquer conjunto de regras aptas a dirigir eficazmente uma atividade qualquer. Nesse sentido, T. não se distingue de arte, de ciência, nem de qualquer processo ou operação capazes de produzir um efeito qualquer: seu campo estende-se tanto quanto o de *todas* [grifo nosso] as atividades humanas.

ABBAGNANO, 2012

1. São tantas as vezes que Freud conta e reconta a evolução da psicanálise através de um progresso técnico que ficamos com a impressão, uma vez aceita a diferença entre o começo “hipnótico” e a técnica associativa, que tudo que poderia ser pensado sobre a técnica em psicanálise já teria sido formulado. Freudianos e pós-freudianos fizeram essa suposição, ao repertório técnico fixado trataram de (re)mixar os itens: acrescentar interpretação, suavizar ou contrastar a contratransferência, acelerar o tratamento<sup>2</sup>, etc. Já que se sabia (?) o que era a psicanálise, uma *terapia* com *regras* bem definidas, mal não fazia em reproduzir, com alguma

---

<sup>1</sup> Professora (IBMR/Laureate). Mestre em filosofia (UFRJ).

<sup>2</sup> Ferenczi, primeiro aceleracionista da psicanálise? O título, no entanto, caberia a Freud, se fizesse sentido. É na análise do *homem dos lobos* que se ensaia a determinação de um término irreversível para o tratamento. Essa tentativa “ativa” deu luz verde para Ferenczi iniciar suas experimentações com a técnica ativa, levando ao pé da letra a sugestão freudiana de desalojar as satisfações substitutivas. Mas, a partir de 1918, Freud se desinteressa da ideia.

variação, as tais regras técnicas: sinal de progresso, diriam eles. Ledo engano, dizemos nós. Não se começa pelo repertório<sup>3</sup>.

Sabe-se que os trabalhos declaradamente dedicados à técnica pertencem ao período de 1912-1915<sup>4</sup> e apresentam princípios presentes em todo e qualquer processo analítico: associação livre, abstinência, neutralidade e atenção flutuante. Para Freud, as mudanças na técnica sempre estiveram correlacionadas aos conceitos de transferência e de resistência: “uma nova teoria, a teoria da resistência, leva a uma nova técnica, a *associação livre*, própria da psicanálise, que se introduz como preceito técnico, a *regra fundamental*” (FREUD, 1913). Mas reduzido a esse único fotograma, o termo *técnica* pode ser tomado por outra coisa que não é. No léxico freudiano não encontramos fixado o significado de *regra*, não se buscou um conjunto de procedimentos padronizados e *a priori* definidos; e se a psicanálise não é simplesmente uma terapia<sup>5</sup>, como insistiu Freud, o sentido de *técnica* tampouco é redutível a uma coleção de regras. Dados esses esclarecimentos iniciais, estamos diante de três pontos importantes.

---

<sup>3</sup> “É preciso aprender o que é importante saber do ponto de vista de termos uma técnica e um modo de pensar que se aplicam. Trata-se de evitar o contrário, de ficar tomando as aplicações em si” (MAGNO, 2018, p. 38-39).

<sup>4</sup> As investigações sobre transferência e resistência exigem revisões na técnica que resultaram nos textos *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, *Sobre o início do tratamento* e *A dinâmica da transferência*. No entanto, Lacan afirma, a nosso ver acertadamente, que a questão sobre a técnica é considerada na obra inteira de Freud: “Em certo sentido, Freud nunca cessou de falar da técnica” (1986, p. 17 e ss.).

<sup>5</sup> “Sua significação original [da psicanálise] foi puramente terapêutica: visava a criar um método novo e eficiente para tratar doenças neuróticas. Vinculações que não podiam ser previstas no começo fizeram, porém, com que a psicanálise se ampliasse para muito além de seu objetivo original. Ela terminou por reivindicar ter estabelecido nossa completa visão da vida mental sobre nova base e, portanto, ser de importância para todo o campo do conhecimento que se funde na psicologia” (FREUD, 1924).

Freud, avesso<sup>6</sup> ao sentido forte de regra, fez *recomendações*; estabeleceu analogias entre o jogo de xadrez e a situação analítica, pois nos dois casos é impossível prever os movimentos entre a abertura e o encerramento do jogo ou processo; ressaltou que muito do que recomendou teve validade somente para ele ou que o que sugeriu para alguém funcionou apenas para este alguém. Mas a recusa de um sentido *prescritivo* não se fez em nome ou a favor de relativismos. O problema é que qualquer dispositivo normativo funciona baseado em conteúdos, selecionados como parâmetro a partir de onde a norma se reconhece e se exerce (prescritivamente). A consideração técnica dos processos inconscientes em Freud já se afastava das considerações conteudísticas desde, pelo menos, a *Interpretação dos sonhos*<sup>7</sup>. As formações do inconsciente não são abordadas como conteúdos nem como formas, e sim como eventos psíquicos metamorfoseáveis, dotados de força, intensidade e situados em relação ao embargo dos processos recalcentes. Dessa metapsicologia abstrativa é preciso derivar um método analogamente abstrativo. A exigência é de *abstração*<sup>8</sup>. Portanto, a questão fundamental pensada por Freud é relativa à *adequação* entre o novo método e os processos inconscientes, com sua abrangência e plasticidade<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> A historiografia da psicanálise mostra a soltura de Freud em sua prática clínica.

<sup>7</sup> O processo de última instância do sonho não é o conteúdo latente, mas o pensamento onírico, condição para a fabricação figurativa e não figurativa do sonho.

<sup>8</sup> Certamente que é necessário o reconhecimento de níveis e tipos de abstração, de níveis mais ou menos abstratos de regras e a identificação de qual processo abstrativo interessa à psicanálise. Para a nova psicanálise chega-se inevitavelmente ao conceito de *indiferenciação*.

<sup>9</sup> Uma analogia possível de ser desenvolvida quando se constrói um diálogo entre o pensamento ocidental e o pensamento chinês: “como tem por campo de aplicação o mundo do movente, do múltiplo e do ambíguo, a inteligência da *metis* sabe tornar-se infinitamente maleável e solta, ela é chamada “variável” e “matizada”: como as realidades que afeta são na maioria das vezes trabalhadas por forças contrárias, ela deve permanecer polimorfa e móvel; e, para ter influência sobre uma situação em

Em segundo lugar, a técnica psicanalítica, para Freud, só fez sentido quando vinculada a um método<sup>10</sup> de investigação e teorização<sup>11</sup> sobre o inconsciente. Assim, a técnica sempre foi pensada como uma reunião de recursos variáveis, empregada para a prática clínica e útil para a elaboração da metapsicologia. Deste modo, a técnica analítica está necessariamente situada e referenciada por uma teoria e é precisamente a metapsicologia que formou a base doutrinal da técnica analítica.

Por fim, os movimentos do inconsciente não foram descritos apenas como conexões associativas. A complexidade fundamental dos eventos psíquicos está justamente em sua dinâmica de reversão em opostos. Foi referido ao reconhecimento destas operações de reversibilidade que Freud estabeleceu seus conceitos metapsicológicos e qualquer elucidação sobre a técnica em psicanálise não pode desconsiderar essa elaboração. Abstraída do domínio dos conteúdos, narrativas, mitologias, resta à técnica acompanhar e intervir nos processos do inconsciente em consonância com as formulações analíticas *in progress*<sup>12</sup>. A abstração é requerida para não imobilizar a técnica numa definição qualquer, para não ancorar as

---

constante mutação, permanece aberta a todos os possíveis e não cessa de se transformar para se adaptar. Ainda mais inapreensível e fugaz que o mundo ao qual se destina: graças à sua maleabilidade, ela pode triunfar lá onde não há, para o sucesso, regras prontas, receitas estereotipadas” (JULLIEN, 1998, p. 20).

<sup>10</sup> Caso se queira manter o termo *método* é melhor pensar em Feyerabend (2003), não em normativismos metodológicos e “totalitarismos conceituais” (*ibid.* p. 271).

<sup>11</sup> “A psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica” (FREUD, 1922).

<sup>12</sup> “Mas o que espera você? É uma ideia provisória, como tantas que há nas ciências. *Open to revision* [Suscetível de revisão], pode-se dizer nesses casos. Acho desnecessário invocar aqui o “Como se”, que se tornou popular. O valor de tal “ficção” — como o filósofo Vaihinger a denomina — depende do quanto podemos conseguir com ela” (FREUD, 1926, p. 140).

formulações técnicas no bestiário sintomático<sup>13</sup> dos personagens da história da psicanálise.

**2.** Lacan inicia seu ensino com o tema da técnica<sup>14</sup>. Não para reproduzi-la ou adaptá-la, mas para corrigir rumos, expor mal-entendidos, criticar simplificações<sup>15</sup>. Nesse sentido, as linhas iniciais de seu primeiro seminário são dedicadas à técnica zen e ao “ensino” do mestre budista. Referência surpreendente, para aquela ocasião, que evidencia que o fundamental da transmissão e da técnica não pode ser encontrado no ambiente da psicanálise pós-freudiana. O pensamento zen, “essa forma de ensino que é uma recusa de todo sistema” (LACAN, 1986, p. 9), tem em comum com a psicanálise desenvolvida por Freud a qualidade (ou exigência) de ser um “pensamento em movimento”. No caso da psicanálise, a recusa de sistema não exclui<sup>16</sup> o que Lacan reconheceu como

---

<sup>13</sup> O problema a que Ferenczi chamou de *equação pessoal*: “houve, todavia, e ainda há, no interior da técnica psicanalítica, muitas coisas que se tinha a impressão de serem individuais, pouco definíveis com palavras; logo de início o fato de, neste trabalho, a importância que parecia ser atribuída à “equação pessoal” era bem maior do que o que se podia aceitar na ciência. O próprio Freud, em suas últimas comunicações sobre a técnica, deixava livre o campo para outros métodos de trabalho em psicanálise, paralelos ao dele. É bem verdade que essa declaração é anterior à época da cristalização da segunda regra fundamental da Psicanálise, de que quem quer que queira analisar os outros deve ser antes ele próprio analisado” (FERENCZI, 1928). É o caso de perguntar onde está a análise dessa equação pessoal ambulante, porque não pode ser valorizada simplesmente como espontaneidade.

<sup>14</sup> Em 1953: *O Seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*.

<sup>15</sup> Para isso, teve que vasculhar o cenário da psicanálise, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960. O que fez com precisão ao examinar os principais trabalhos da época.

<sup>16</sup> Em busca de um princípio abstrativo que pudesse equacionar “doutrina” com “pensamento em movimento”, Lacan supôs encontrar no conceito de dialética de Hegel a *resposta*: “O pensamento de Freud é o mais perpetuamente aberto à revisão. É um erro reduzi-lo a palavras gastas. Nele, cada noção possui vida própria. É o que se chama precisamente a *dialética*” (LACAN, 1986, p. 9).

“face dogmática”<sup>17</sup>, um *corpus* coerente de ideias fundamentais a serem transmitidas. Lacan é sensível à condição estabelecida por Freud, não há técnica sem referência, não há prática sem metapsicologia; mas se depara com um problema mais ou menos ausente nos tempos de Freud. A diversificação em escolas e subsequente fragmentação da psicanálise configurou um cenário babélico<sup>18</sup> que foi reconhecido e pensado por Lacan<sup>19</sup>. A pluralidade de técnicas em psicanálise – espécie de sincretismo empobrecido que rapidamente recaiu em dogmatismos institucionais – representava um problema grave para o protocolo lacaniano, em parte porque demonstrava a inexistência, quase completa, de *referência*. Onde Lacan foi buscar essa referência?

A técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam.

---

<sup>17</sup> Em MD Magno ver as seções 24 e 25 do seminário *Est'Ética da Psicanálise. Parte II*.

<sup>18</sup> Uma conhecida enquete de Edward Glover, comentada por Lacan (1955), mostra que as respostas dos psicanalistas participantes foram tão variadas quanto o número destes.

<sup>19</sup> “Não sei se a maioria de vocês – uma parte pelo menos, eu espero – tomou consciência do seguinte. Quando, neste instante – eu falo de agora, neste ano novo em folha, novinho – se observa a maneira pela qual os diversos praticantes da análise pensam, exprimem, concebem a sua técnica, dizemo-nos que as coisas estão num ponto a que não é exagerado chamar a confusão mais radical. Coloco vocês a par de que, atualmente, entre os analistas, e dos que pensam – o que já diminui o círculo – não existe talvez um único que tenha, no fundo, a mesma ideia que qualquer outro de seus contemporâneos ou vizinhos a respeito daquilo que se faz, daquilo a que se visa, daquilo que se obtém, daquilo de que se trata na análise. E mesmo a ponto de podermos nos divertir com este joguinho, que seria comparar as mais extremas concepções – veríamos que elas chegam a formulações rigorosamente contraditórias. E isso, sem procurar amantes de paradoxos – aliás eles não são tão numerosos. A matéria é suficientemente séria para que diversos teóricos a abordem sem desejo de fantasia, e o humor está, em geral, ausente de suas elucubrações sobre os resultados terapêuticos, suas formas, seus procedimentos e as vias pelas quais os obtemos. Fica-se contente em se segurar no balaústre, no parapeito de algum pedaço de elaboração teórica de Freud. E só isso que dá a cada um a garantia de que ainda está em comunicação com os que são seus confrades e colegas. É por intermédio da linguagem freudiana que uma troca é mantida entre praticantes que manifestamente têm concepções bastante diferentes de sua ação terapêutica, e, além do mais, da forma geral dessa relação inter-humana que se chama a Psicanálise” (LACAN, 1986, p. 19).

Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala (LACAN, 1998, p. 247).

O resgate da função da fala recompõe e legitima<sup>20</sup> o plano da técnica psicanalítica. Mais importante, no entanto, é notar que a técnica psicanalítica centrada na função da fala e no campo da linguagem se ampara na linguística (e em seu formalismo estrutural) e na teoria (do corte epistemológico) de Alexandre Koyré<sup>21</sup>. Para evitar a deterioração da técnica psicanalítica (LACAN, 1953, p. 268), a *escolha inicial* foi por uma sustentação de tipo epistemológico-histórica, a psicanálise, enquanto teoria e técnica, torna-se possível e legitimada pelo duplo advento da ciência moderna e do sujeito. Jean-Claude Milner nomeia esse momento na obra de Lacan de doutrinal *da ciência* (1996). Nesse primeiro momento, a referência a este tipo de doutrinal (MILNER, 1996, p. 43) foi o que permitiu reformular a *adequação* entre teoria e técnica proposta por Freud. Na tentativa de levar adiante o processo abstrativo, desvencilhando-se do historicismo (conteudístico) inerente à tese de Koyré-Kojève, Lacan substituiu o doutrinal da ciência por um doutrinal *do matema* (MILNER, 1996, p. 95-ss). A assimilação do doutrinal a formalizações lógicas e pseudomatemáticas foi um passo controverso. A trajetória final do pensamento de Lacan significou o afastamento do

---

<sup>20</sup> É nesse sentido que Lacan apresenta seus recursos “técnicos”: pontuação, citação, escansão, equivocação, etc.

<sup>21</sup> “A primeira característica que podemos identificar na teoria lacaniana da ciência se explica assim. Ela deve mostrar essa conexão singular pela qual a ciência é essencial à existência da psicanálise e, por essa mesma razão, não se coloca diante dela como um ideal. A relação mais apropriada a esse fim se apresenta em termos homônimos dos operadores históricos: sucessão e corte. Baseamo-nos por conseguinte em Koyré, lido à luz do muito historicizante Kojève” (MILNER, 1996, p. 31-32).

recurso à matemática, como se nesta última etapa atingisse um estado de insolvência<sup>22</sup> dos esforços anteriores para produzir uma doutrina.

**3.** O quanto Freud pôde avançar nessa reflexão sobre a técnica é discutível, apostar todas as fichas, como fez, na institucionalização da formação analítica é problemático<sup>23</sup>, mas é notável que considerou o pensamento analítico como a única base doutrinal para a psicanálise<sup>24</sup>. Não houve em Freud o desvio epistemológico que se mostrou em Lacan.

A psicanálise encontra em si mesma o fundamento de suas formulações e métodos, afirma Magno quando propõe a *soberania da psicanálise*: “produção de soberania no nível da hiperdeterminação<sup>25</sup>, com base estrita no conceito freudiano de pulsão (de morte) redesenhado como Revirão” (MAGNO, 2000, p. 100). Produção de soberania *não* se dá no nível das sobredeterminações, isto é, no nível dos repertórios de conteúdo. O conceito freudiano em que se assentam todos os entendimentos metapsicológicos é o de pulsão. A linguagem, em Lacan pensada como língua ainda que à maneira lacaniana, é estrutura bífida que Freud

---

<sup>22</sup> Milner (1996, p. 129 e ss.) se refere a essa última etapa como “desconstrução”.

<sup>23</sup> “Ao confiar a formação dos analistas às Instituições analíticas, Freud procurou proteger a essência de uma doutrina de qualquer desviacionismo. Atento a ‘entesourar’ sua descoberta, não interrogou suficientemente, portanto, a força alienadora das Instituições, sua possibilidade de enriquecer ou empobrecer o ser humano. Bleger, cinquenta anos depois, mostrou que a ‘adaptação’, de fato, é muitas vezes paga com o preço da submissão a uma estereotipia institucional, tendendo toda instituição a prender seus membros com base numa identidade de pensamento e de conduta” (MANNONI, 1989, p. 119-120).

<sup>24</sup> Em termos clínicos, a defesa da análise leiga é um exemplo para reconhecer essa postura: “mas enfatizo a exigência de que não deve exercer a psicanálise quem não tenha adquirido o direito de fazê-lo, mediante uma formação específica. Se essa pessoa é ou não médico parece-me secundário” (FREUD, 1926, p. 154).

<sup>25</sup> Grau máximo de abstração das sobredeterminações, na nova psicanálise tal abstração se caracteriza por ser suspensiva.

vislumbrou ao descrever os movimentos do inconsciente e da pulsão; sem compromissos epistemológicos, a topologia da banda de moebius é suficiente enquanto abstração dessa estrutura: Revirão.

No entanto, o essencial sobre a proposição de soberania não está em apenas reconhecer que a psicanálise encontra em seu próprio campo a sua razão – ainda que seja um aspecto importante (MAGNO, 2000, p. 106). É necessário avançar e afirmar que a soberania da psicanálise consiste na *produção de soberania*, constitui-se como modo de produção de soberania: “a cura<sup>26</sup> psicanalítica não pretende ser senão justamente, embora de maneira perene, produção de soberania” (MAGNO, 2000, p. 86).

A relação de entrelaçamento entre metapsicologia e técnica que comentamos a propósito de Freud é ressituada aqui. Como técnica a psicanálise apresenta-se como modo de produção de soberania e “Ela o é na medida [na condição técnica] de sua indiferença para com as formações do Haver” (MAGNO, 2000, p.103). Podemos colocar essa indicação da seguinte maneira: a técnica trata de abordar formações sintomáticas procurando o processo que está sendo feito com essa situação de bifididade, o procedimento que o analisando está fazendo com essa

---

<sup>26</sup> Quanto ao sentido de *cura*: “Um psicanalista não deve estar pensando em cura, não deve mesmo. A cura acontece como sobra, resto – e isto não é trabalho de medicina, de fisioterapia, etc., e sim de análise. As outras técnicas podem suspender sintomas mais ou menos definitivamente, mas a operação psicanalítica é de Meta-Morfose – lembrando o que significa Morfose em nosso campo –, ou seja, de transformação e recomposição das formações de uma Pessoa. Isso pode resultar – e frequentemente resulta, de graça, de sobra, de brinde – em suspensão, se não mesmo em dissolução, de sintomas. Mas a psicanálise não trabalha para isto, não trabalha com isto, e sim com Meta-Morfoses da Pessoa” (MAGNO, 2009, p. 67).

disponibilidade inconsciente<sup>27</sup>. O que é necessário para operar dessa forma?

Em se tratando de Técnica, nosso processo precisa de duas coisas fundamentais. Primeiro, a sustentação da Postura do Analista, que é a vocação da Indiferença. Tudo tomado no mesmo padrão, no mesmo nível, seja o que for, não há graus de significação (para Lacan, há). Segundo, acolhimento das formações – com Indiferenciação, é claro – e movimento de tentar metamorfoseá-las. Não é o analista que faz a metamorfose, apenas implica com o analisando para que ele faça. E ele acaba fazendo, vai produzindo suas metamorfoses. Não é preciso mais do que essas duas coisas. Como fazer é que é cumprido (MAGNO, 2020, p. 165).

Para a nova psicanálise, a indiferenciação<sup>28</sup> é a postura exigida, porque *adequada*, para todo e qualquer exercício técnico, que também é exercício de soberania. O que possibilita essa postura? Essa reflexão parece ausente em Freud. Indiferenciação e neutralidade não são conceitos exatamente equivalentes<sup>29</sup>, talvez não sejam provenientes da mesma origem. A neutralidade é uma qualidade que se atribui à “atitude” do analista, em oposição à sugestão e não expressa o que significa *indiferenciação*. É pelo reconhecimento de um nível mais fundamental de

---

<sup>27</sup> “O que vejo de mais rigoroso na possibilidade da psicanálise é conseguir apontar, tecnicamente, pragmaticamente, essa simples coisinha que é: *revirar*” (MAGNO, 1990).

<sup>28</sup> No seminário *A Música* acompanhamos um dos estados nascentes do conceito: “A versatilidade do significante também relembra o não-diferenciado originário. Portanto, é preciso normalizar, digamos, dentro da Lei, por manter o rigor de que há-diferença, porque ela se instala cada vez que se abre a boca, sem que isto elimine o *fundo de indiferenciação* de onde se vem. O mérito está em se reconhecer que “há-diferença, porque não-há. Não abro mão disto” (MAGNO, 1983, p. 184).

<sup>29</sup> Freud, para descobrir que era o umbigo, teve que fazer todo seu percurso, mas nós viemos depois. Já sabemos que a postura inicial deve ser de absoluta indiferenciação: o campo tem que ser neutro para a coisa poder falar. [...] Não posso abrir mão – sinto muito se alguém não gostar – de que a postura inicial a ser sustentada é a de indiferenciação. Se quiserem discutir isto, por favor discutam sempre e podem começar já, mas é a postura fundamental e qualquer outra está fora do meu escopo” (MAGNO, 2003, p. 282).

articulação do inconsciente, anterior às marcações opositivas e binárias<sup>30</sup>, que se chega à indiferenciação; é considerada também a operação que permite os processos de avessamento e reversão que Freud descreveu; é um conceito que situa com precisão o movimento abstrativo da psicanálise tanto no plano metapsicológico quanto no plano da técnica e define o estatuto que rege esses dois planos:

O que faz a suspensão nesse confronto é justamente que, para além da maranha, temos a suspensão da hiperdeterminação. Ou seja, o neutro funcionando como lugar adequado, porque a máquina assim o produz, de suspensão dos lugares dentro dessa maranha. A invocação do neutro, a tentativa de indiferenciação, se houver alguma, é, portanto, a ética estrita da psicanálise, ou, pelo menos, a técnica fundamental de cura que a psicanálise pode oferecer (MAGNO, 2000, p. 235).

Essas foram considerações iniciais, incompletas, que buscaram esclarecer as coordenadas mínimas para situar o estudo sobre a técnica na perspectiva da nova psicanálise.

### Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 2012.
- FERENCZI, Sándor. *A técnica psicanalítica* (1919). Obras completas, vol. III. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Desenvolvimentos da técnica ativa em psicanálise* (1921). Obras completas, vol. III. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Elasticidade da técnica psicanalítica* (1928). Obras completas, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Princípios de relaxamento e neo-catarse* (1930). Obras completas, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. São Paulo, Editora UNESP, 2003.

---

<sup>30</sup> Por exemplo, a oposição sujeito/objeto é uma operação linguageira que não exprime adequadamente o inconsciente.

FREUD, S. *O método psicanalítico de Freud* (1904). São Paulo: Cia das Letras, 2016 [Sigmund Freud, obras completas, v. 06].

\_\_\_\_\_. *Psicoterapia* (1905). São Paulo: Cia das Letras, 2016 [Sigmund Freud, obras completas, v. 06].

\_\_\_\_\_. *As perspectivas futuras da terapia psicanalítica* (1910). São Paulo: Cia das Letras, 2013 [Sigmund Freud, obras completas, v. 09].

\_\_\_\_\_. *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (1912). São Paulo: Cia das Letras, 2010 [Sigmund Freud, obras completas, v. 10].

\_\_\_\_\_. *O início do tratamento* (1913). São Paulo: Cia das Letras, 2010 [Sigmund Freud, obras completas, v. 10].

\_\_\_\_\_. *Princípios básicos da psicanálise* (1913). São Paulo: Cia das Letras, 2010 [Sigmund Freud, obras completas, v. 10].

\_\_\_\_\_. *Recordar, repetir e elaborar* (1914). São Paulo: Cia das Letras, 2010 [Sigmund Freud, obras completas, v. 10].

\_\_\_\_\_. *Observações sobre o amor de transferência* (1915). São Paulo: Cia das Letras, 2010 [Sigmund Freud, obras completas, v. 10].

\_\_\_\_\_. *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (1914). São Paulo: Cia das Letras, 2012 [Sigmund Freud, obras completas, v. 14].

\_\_\_\_\_. *A terapia analítica*. In: *Conferências introdutórias* (1916-1917). São Paulo: Cia das Letras, 2014 [Sigmund Freud, obras completas, v. 13].

\_\_\_\_\_. *Caminhos da terapia psicanalítica* (1919). São Paulo: Cia das Letras, 2010 [Sigmund Freud, obras completas, v. 14].

\_\_\_\_\_. *Contribuição à pré-história da técnica psicanalítica* (1922). São Paulo: Cia das Letras, 2011 [Sigmund Freud, obras completas, v. 15].

\_\_\_\_\_. *Resumo da psicanálise* (1924). São Paulo: Cia das Letras, 2011 [Sigmund Freud, obras completas, v. 16].

\_\_\_\_\_. *A questão da análise leiga* (1926). São Paulo: Cia das Letras, 2014 [Sigmund Freud, obras completas, v. 17].

\_\_\_\_\_. *Explicações, aplicações e orientações in: Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1933). São Paulo: Cia das Letras, 2010 [Sigmund Freud, obras completas, v. 18].

\_\_\_\_\_. *Construções na análise* (1937). São Paulo: Cia das Letras, 2018 [Sigmund Freud, obras completas, v. 19].

\_\_\_\_\_. *A técnica psicanalítica in Compêndio de psicanálise* (1938) São Paulo: Cia das Letras, 2018 [Sigmund Freud, obras completas, v. 19].

JULLIEN, François. *Tratado da eficácia*. São Paulo, Editora 34, 1998.

LACAN, Jacques. *Intervenção Sobre a Transferência* (1951) in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. *Função e Campo da Palavra e da Linguagem em Psicanálise* (1953). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

\_\_\_\_\_. *Variantes do Tratamento Padrão* (1955). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder* (1958). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964a). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2ª edição, 1998.

\_\_\_\_\_. *Do “Trieb” de Freud e do desejo do analista* (1964b). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MAGNO, MD. *O Artificialismo freudiano*. In: *Est’Ética da Psicanálise. Introdução*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

\_\_\_\_\_. *Arte & Fato. A Nova Psicanálise. Da Arte Total à Clínica Geral*. Rio de Janeiro, NovaMente Editora, 2018.

\_\_\_\_\_. *Est’Ética da Psicanálise. Parte II*. Rio de Janeiro, NovaMente Editora, 2017.

\_\_\_\_\_. *A Psicanálise, novamente: um pensamento para o século II da era freudiana*. Rio de Janeiro, NovaMente Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Natureza do vínculo*. Rio de Janeiro, Imago, 1994.

\_\_\_\_\_. *Velut Luna. A clínica geral da nova psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro, NovaMente Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. *Arte e psicanálise. Estética e clínica geral*. 2ª ed. Rio de Janeiro, NovaMente Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. *Transar: Transir. Elementos da Transformática*. In: Lumina-Facom/UFJF, v.2, n.2, p.29-48, jul./dez. 1999.

\_\_\_\_\_. “Psychopathia sexualis”. Santa Maria, Editora da UFSM, 2000.

\_\_\_\_\_. *Clavis universalis. Da cura em psicanálise ou revisão da clínica*. Rio de Janeiro, NovaMente Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. *AmaZonas. Psicanálise de A a Z*. Rio de Janeiro, NovaMente Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. *A Rebelião dos anjos. Eleuteria e exousía*. Rio de Janeiro, NovaMente Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. *SóPapos 2011*. Rio de Janeiro, NovaMente Editora, 2016.

\_\_\_\_\_. *SóPapos 2014*. Rio de Janeiro, NovaMente Editora, 2018.

\_\_\_\_\_. *SóPapos 2018*. Rio de Janeiro, NovaMente Editora, 2020.

MANNONI, Maud. *Da paixão do ser à loucura do saber*. Rio de Janeiro.

MILNER, Jean-Claude. *A obra clara. Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.